

CINQUENTENÁRIO

Dias atrás, participei de uma emocionante comemoração, dos 50 anos da criação da Faculdade de Engenharia de Passos - FEP onde lecionei de 1978 a 2014 quando ela foi finalmente estadualizada e passou a fazer parte da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, tornando um sonho acalentado desde o final dos anos 1980 em realidade.

Idealizado por alunos da primeira turma, formados em 1980, o evento reuniu velhos professores, alguns mais novos que foram nossos alunos e também estudantes de diversas turmas, cada um com suas recordações. Confesso que não foi fácil, pois minha vida na faculdade passou como um filme diante dos olhos enquanto faziam discursos e recordavam histórias. As lembranças de minha relação com duas pessoas em especial tomaram conta dos meus pensamentos, de Marcos Pereira e Antônio Faria, porque transformaram minha vida completamente. São aquelas pessoas que cruzam sua vida no momento certo e pela razão correta.

Lembro exatamente do dia frio de junho de 1978 em que Marcos nos convidou, eu e meu então sócio engenheiro Vital Paiva, fomos encontrá-lo numa lanchonete da Praça Nossa Senhora da Conceição, apresentados pelo professor Waldemar Gianini que então lecionava conosco na UNIFRAN. Marcos fazia o curso de direito em Franca ao mesmo tempo em que dirigia a recém-criada Faculdade de Engenharia de Passos (lembro que Franca não tinha esse curso) e queria que a gente assumisse as aulas em agosto. Na mesma época, Marcos recrutou para a escola de Passos alguns profissionais de engenharia que moldaram o curso e seu futuro: Cordeiro, Arquimedes, Camarero, Maurício (Pirulito) e outros.

Eu era um estranho no ninho, único arquiteto e urbanista entre engenheiros e matemáticos. No entanto, aprendi demais com essa turma. Na época, era empresário da construção civil relativamente bem sucedido que, por via das dúvidas, dava aulas a noite na UNIFRAN e na FEP para complementar a renda, eram tempos de inflação galopante e construir era malquize, os preços mudavam diariamente. Conviver com aquele pessoal que fazia mestrado na USP me mostrou outro lado da profissão e da universidade que me atraíram para sempre: a possibilidade e necessidade de articular ensino de qualidade, pesquisa e extensão, inicialmente coisa impensável numa escola isolada no sertão das Minas Gerais ou na UNIFRAN daquele tempo. Sob o comando certeiro de Marcos, discutíamos o ensino ministrado, o currículo necessário, novas técnicas pedagógicas, projetos de extensão na favela do Patrimônio que ficava ao lado da faculdade. Os cinco anos iniciais da escola foram literalmente de luta e construção, até o reconhecimento do curso antes mesmo que se formasse a primeira turma, tal o empenho do grupo.

Os problemas orçamentários de uma escola que vivia exclusivamente das mensalidades e que ao mesmo tempo não visava lucro foram enfrentados com criatividade. Lembro que ficávamos num alojamento improvisado sob as salas de laboratórios num prédio inacabado (que seria uma rodoviária, mas essa é outra história) na Avenida Avelino Maia, doado pela Prefeitura à Faculdade. Eu, Vital e Camarero ficávamos lá nas terças, nossas aulas eram a noite e na manhã seguinte. Saíamos às 17h de Franca na VW Brasília cor de “burro fugido” do Vital para chegar às 18h30 (o trecho mineiro entre a divisa Minas-SP até Itaú não era pavimentado ainda), comer um salgado e entrar em aula até as 23h, quando íamos pro alojamento dormir. Na manhã seguinte acordávamos cedinho para um café e pão com manteiga no Café Globo da Praça da Matriz e às 7h da matina iniciávamos as aulas até 11h, quando a gente saía correndo de volta pra Franca. Éramos jovens para enfrentar a maratona.

O crescimento daquele grupo inicial de professores teve efeito paradoxal, ao mesmo tempo em que as dificuldades financeiras da faculdade se agravaram com a crise econômica do final da ditadura. Testados em sala de aula, foram gradativamente aprovados em concursos públicos de universidades

federais ou arrumando trabalhos que pagavam melhor. Poucos ficaram, como eu e alguns que eram passenses. No entanto, a formação que propiciaram aos estudantes permitiu o surgimento de uma nova geração de professores da própria casa que assumiram continuar com qualidade o processo de formação de novos engenheiros civis. A saída de Marcos Pereira para assumir cargos políticos no governo mineiro de Tancredo Neves em 1983 em pouco tempo teve outro visionário a sua altura, o engenheiro Antônio Faria (aluno de todos aqueles professores do início), assumindo a bandeira da modernização da FEP e sua estadualização, finalmente ocorrida em 2014. O falecimento precoce de Faria e as condições atuais de saúde de Pereira não me impedem de agradecer a esses dois grandes comandantes da Faculdade de Engenharia por sua liderança e extraordinária contribuição ao desenvolvimento do país e da região de Passos. Hoje são mais de 1900 profissionais de engenharia civil formados em suas salas de aula espalhados por todo o Brasil.

Mauro Ferreira é arquiteto